



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12259 - Resumo Expandido - Trabalho - 15a Reunião da ANPEd – Sudeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 24 - Educação e Arte

OS COTIDIANOS DE ESCOLAS PÚBLICAS COMO ESPAÇOS DE CRIAÇÃO ARTÍSTICA E ESTÉTICA DE JOVENS

Edivan Carneiro de Almeida - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Aldo Victorio Filho - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

OS COTIDIANOS DE ESCOLAS PÚBLICAS COMO ESPAÇOS DE CRIAÇÃO ARTÍSTICA E ESTÉTICA DE JOVENS

Partindo das vivências pessoais, profissionais e acadêmicas durante quase três décadas como professor de uma escola pública de Ensino Médio, no sertão da Bahia, de modo especial (na última década) das experiências com a realização de oficinas de criação artística nos/dos/com os cotidianos dessa escola, realizamos esta pesquisa de doutorado (com bolsa CAPES) no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, buscando compreender as produções artísticas e estéticas de estudantes (jovens) e sua interferência na formação de seus corpos e de um imaginário sobre a escola, bem como na produção de singularidades nos cotidianos e nos seus currículos (entendendo que vários percursos entrecruzam-se neles).

Comprendemos que os *cotidianos* (CERTEAU, 2012) escolares também são constituídos por uma diversidade inapreensível e rebelde de *práticas* e *invenções* marcadas por burlas, resistências e transgressões às tentativas de determinação engendradas pelas *estratégias* políticas de governabilidade e de prescrição curricular. Percebemos os *espaçostempos* (usamos palavras conjugadas para nos desviar dos binarismos que marcam as concepções modernas) escolares como permeados de produções estéticas (SHUSTERMAN, 1998; HERMANN, 2010) e de *invenções* (CERTEAU, 20012) engendradas através de *táticas realizasdapensadas* entre estudantes e professores em suas *práticas* nesses *cotidianos*.

Assim, as escolas são um campo fértil do encontro de uma pluralidade de modos de existência, de práticas e conhecimentos que fluem intensa e incontrolavelmente entre os corpos que aí habitam, compondo redes de *saberesconhecimentos* e currículos *praticadospensados* (OLIVEIRA, 2012). Nesse encontro coletivo coexistem várias escolas: a escola dos alunos, dos professores, dos gestores, dos pais etc., produzindo conhecimentos e aprendizagens “[...] a partir de agenciamentos coletivos que se produzem em meio à multiplicidade e a processos de relações não hierárquicas” (FERRAÇO; CARVALHO, 2012, p. 145), redes que fluem, nos diversos sentidos, entre o vivido na escola e fora dela.

Como metodologia (criação) da pesquisa, convidamos um grupo de estudantes a participar da produção de uma *cartografia audiovisual* sobre suas experiências nas oficinas de criação artística, entendendo que o *mapa*, como parte do *rizoma*, “[...] é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente” (DELEUZE; GUATARRI, 1995, p. 21) e permite compreender os percursos e a potência dos possíveis nas práticas dos sujeitos em seus cotidianos.

A produção da *cartografia audiovisual* ocorreu através de *oficinas de criação audiovisual* com catorze estudantes, em dois movimentos: *primeiro*, realizamos oficinas-encontros virtuais (pelas (im)possibilidades da pandemia de Covid-19, em que a escola funcionava de modo remoto) em que proporcionamos aos convidados o contato com fotografias, vídeos, sons e textos produzidos por eles nas/sobre as atividades de criação artística, reunidos no site <https://www.criarteceaco.pictures/>, provocando suas memórias e motivando-os à criação de vídeos sobre suas experiências; no *segundo* movimento acompanhamos os interlocutores da pesquisa, através de um grupo de WhatsApp, estimulando-os e auxiliando-os na criação dos vídeos sobre seu envolvimento nas oficinas de criação artística, visando apresentar se/como elas marcaram ou não suas vidas, a formação de seus corpos e sua percepção sobre elas nos cotidianos da escola.

Além das conversas nas oficinas e no grupo de WhatsApp, realizamos um Sarau dos Projetos Artísticos, em que os onze vídeos produzidos pelos participantes da pesquisa foram apreciados por eles juntamente com outros estudantes envolvidos nas atividades de criação artística e com professores-realizadores das oficinas. Assim, tanto os vídeos produzidos pelos estudantes quanto aqueles que registraram as oficinas-encontros da pesquisa e o Sarau de apreciação, compõem uma *cartografia audiovisual* das experiências de criação artística na escola, um conjunto de imagens-expressões que nos permitem compreender como os estudantes perceberam tais experiências em suas vidas e na escola, as marcas dos percursos que delineiam singularidades nos seus modos de existência.

A partir dessas imagens, fragmentos do imaginário dos estudantes, podemos compreender como eles percebem o processo de criação nas oficinas, desde a apreciação-fruição de obras de arte, passando pelas conversas sobre as possibilidades de produção, pela partilha de experiências com os orientadores (professores e artistas convidados), até a apresentação das produções nos saraus, festivais e exposições.



Imagem 1: Oficinas de criação vídeo, Projeto Vídeos Estudantis, 2018.

Como resultados, destacamos: as oficinas são organizadas a partir do envolvimento voluntário dos estudantes e de professores e sua realização acontece fora dos *espaçostempos* das aulas em práticas diferentes destas (concorrendo e conflitando com elas, pois os alunos se ausentam das aulas para participar) e, geralmente, em espaços diferentes da escola, a exemplo da “sala da rádio”, sala de vídeo, sala de informática, salas sem uso, além de corredores e pátios (especialmente a área externa); as atividades são desvinculadas das disciplinas e reúnem estudantes interessados de diversas turmas e de turnos diferentes, às vezes (por sugestão dos alunos) ocorrem em turnos e dias em que não há aula na escola (noturno e feriados). Além disso, as oficinas contam com a participação de artistas da cidade, especialmente de ex-alunos (que participaram delas quando estudante) convidados a realizarem as atividades com os professores responsáveis.

Por fim, salientamos que os alunos participam pelo desejo de produzir algo destinado à apreciação estética pública (em vez de algo a ser avaliado pelo professor) e que suas criações movimentam a escola desde a realização das oficinas e ensaios (especialmente no mês de julho) até a realização dos festivais, dos saraus e das exposições (em agosto, “Mês do Estudante”), momento de festa, de fruição estética e grande ebulição nos cotidianos da escola, quando os estudantes apresentam suas produções para toda a escola, atraindo a participação de pais, ex-alunos e outras pessoas da comunidade.

Entre outros efeitos, as atividades têm movimentado os estudantes e a escola para fora do município ao participar das etapas regional e até estadual dos festivais, saraus e exposições, proporcionando aos envolvidos uma experiência pública mais ampla, possibilitando o convívio com estudantes de outras escolas públicas, destacando-os, com a escola, *dentrofora* da cidade.



Imagem 2: Estudante no Festival Anual da Canção Estudantil (Regional), 2016.

Essa agitação vai ganhando volume ao passo que cada obra (música, poema, tela, filme, álbum) é produzida nas oficinas e começa, ali mesmo, a ser apreciada entre os estudantes, mexendo com seus sentimentos, gerando murmúrios e expectativas que eclodem em um clima de entusiasmo, festa, alegria e gozo estético coletivo, observáveis nos saraus-festivais-exposições, momentos que marcam a vida dos estudantes, da comunidade escolar e da comunidade externa, contribuindo, na perspectiva nietzschiana, para a “criação de si” e da escola (e seus currículos) como “obras de arte” (DIAS, 2011) coletivas.

Palavras-chaves: Arte. Criação. Estética. Cotidianos escolares.

REFERÊNCIAS

- CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Tradução de Ephraim F. Alves. 19 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 1, Tradução de Aurélio G. Neto e Célia P. Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- DIAS, R. **Nietzsche, vida como obra de arte**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- HERMANN, N. Ética, estética e alteridade. **Anais – II Seminário Nacional de Filosofia e Educação: Confluências**. Santa Maria/RS: UFSM, 2011.
- SHUSTERMAN, R. **Vivendo a arte: o pensamento pragmatista e a estética popular**. São Paulo: Editora 34, 1998.